

ANÁLISE EXISTENCIAL – FENOMENOLOGIA HERMENÊUTICA E INTERPRETAÇÃO DE SI MESMO: APROXIMAÇÃO AO §32 DE *SER E TEMPO* DE MARTIN HEIDEGGER

Romulo Pizzolante*

Resumo

Pela análise da existência elaborada em “Ser e Tempo” abre-se um diálogo entre a medicina, a psiquiatria, a psicanálise e a filosofia na compreensão fenomenológica do homem através do desvelamento do cuidado com o outro como o modo primordial de ser humano. O presente artigo destaca o pensamento de Heidegger que insere o homem como protagonista no acontecer do existir. A fenomenologia hermenêutica e a presença - Dasein abrem compreensões acerca do existir que moldam a vida dos homens e os revelam como seres que encontram sentido para si ao questionar a si mesmo. Análise existencial - Daseinsanalyse tem pertinência para práticas de cuidado médicas, psicológicas ou psicanalíticas que levam em consideração a composição sensível e inteligível em seu âmbito. O psiquiatra Ludwig Binswanger elaborou a possibilidade de uma linha clínica em correspondência à analítica existencial de Heidegger que pode ser interpretada como um convite ao convívio.

Palavras-Chave: Fenomenologia Hermenêutica; Daseinsanalyse; Análise Existencial; Dasein; Presença.

EXISTENTIAL ANALYSIS - HERMENEUTIC PHENOMENOLOGY AND INTERPRETATION OF THE SELF: AN APPROXIMATION OF "BEING AND TIME" FROM MARTIN HEIDEGGER

Abstract

The existential analytic elaborated by Martin Heidegger in "Being and Time" opens a dialogue between medicine, psychiatry, psychoanalysis and philosophy in search of the phenomenological understanding of the human being, through the unveiling of care with the other as the primordial way of being of the human. The present article highlights the thought of Heidegger that inserts the man as protagonist in the happening of the existing. Hermeneutic phenomenology and presence - Dasein open understandings about the existence that shape the lives of men, and reveal them as beings who find meaning for themselves by questioning themselves. Existential analysis - Daseinsanalyse has pertinence to medical, psychological or psychoanalytic as care practices that take into account the sensible and intelligible composition in its scope. The psychiatrist Ludwig

* Filósofo. Doutor em Filosofia e Pesquisador de Pós-Doutorado pelo Programa de Pós Graduação em Filosofia (PPGF) do Instituto de Filosofia e Ciências Sociais (IFCS), da Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ). Daseinsanalista. Endereço Institucional: Largo São Francisco de Paula, 1 - Centro, Rio de Janeiro - RJ, 20051-070a. E-mail: pizzolante@terra.com.br.

Binswanger elaborated the possibility of a clinical line in correspondence to the existential analytic of Heidegger that can be interpreted as an invitation to the conviviality.

Keywords: Hermeneutic Phenomenology; Daseinsanalyse; Existential Analysis; Dasein; Presence.

Introdução

A fenomenologia hermenêutica no pensamento de Heidegger significa a circularidade entre o caminhar, o caminho e o caminhante por uma imbricação extraordinária desde a qual surgem em suas distintas dignidades. Por esta compreensão circular desaparece a necessidade de estabelecer regras, etapas e compassos metodológicos para o encontro de sentido, que só pode ser descoberto na e pela viagem do pensamento, cada vez. Através do presente artigo se busca acompanhar o pensar que inclui o pensador no que está sendo pensado, por aproximações que possam justamente provocar o pensamento em direção à sua inclusão no percurso de descoberta do existir na própria presença de cada um. Dividido em três movimentos para despertar sua articulação, o fenômeno hermenêutico explicita a própria presença – *Dasein* como via imediata de acesso ao existir que se compreende diretamente em sua apreensão, já sendo, como o que só pode ser cada vez único. Análise Existencial – *Daseinsanalyse* acontece no convívio através do próprio percurso de pensamento que questiona a verdade do existir.

O texto recolhe da dinâmica circular do modo de ser do deus grego olímpico Hermes, do pensamento do poeta lírico Píndaro, bem como do pensador originário Heráclito, do beato Duns Escoto, do fundador da psicanálise Sigmund Freud e de Marcel Proust aproximações à circularidade encontrada no pensamento de Martin Heidegger. A aproximação a divindades gregas e a pensadores e poetas destacados ao longo da história, não busca se acerrar apenas pela via do conteúdo por eles pensado, mas pela mesma dinâmica circular de desvelamento de sentido próprio.

A filósofa Irene Borges Duarte, coordenadora da edição e da tradução portuguesa da antologia de textos intitulada *Holzwege* (HEIDEGGER, 1994), traduzida por “Caminhos de Floresta”, no Prólogo à Edição Portuguesa de 2002, destaca nota publicada por Heidegger no “Jornal Die Welt” de 26 de setembro de 1949, por ocasião da publicação de *Holzwege*, em que o autor aponta para sua articulação composta de diferentes textos que são entrelaçados por sentido que se revela por “uma estrutura concertante da ‘coisa mesma’”:

Os caminhos de Floresta são tentativas nesse sentido. Vistos de fora, oferecem-se como uma coletânea de exposições acerca de assuntos sem relação entre si. Mas se se pensa a coisa de dentro para fora, tudo está num unísono encoberto

e rigorosamente construído. Nenhum caminho é para ser feito, sem ter feito os outros. Na sua unidade, eles mostram um pedaço do caminho do pensar. Eles entram em errância. Mas não se perdem no erro. HEIDEGGER, M. In *Denkerfahrten*, Frankfurt am Main: Vittorio Klostermann, 1983. - Cf.: HEIDEGGER, M. *Caminhos de Floresta*. Tradução Irene Borges Duarte et al. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 2002. Prólogo.

γνωθι σε αυτόν - conhece a ti mesmo

O tratado filosófico “Ser e Tempo”, publicado por Martin Heidegger em 1927 (HEIDEGGER, 2006), revela através da “analítica existencial” da presença humana as estruturas da temporalidade do existir, em que o homem se encontra e se perde de si mesmo em sua própria presença cada vez desvelada. A “temporalidade própria da curadoria de ser” e a “temporalidade da convivência amorosa” entrelaçam compreensões dos pensadores Martin Heidegger e Ludwig Binswanger, e provocam o pensamento em direção a questionar o próprio fenômeno do existir da vida na vida dos homens. Há tanto a possibilidade como a impossibilidade de se elaborar um processo de análise terapêutica através da compreensão da analítica ontológica da existência na sua própria presença.

Heidegger (2006) expõe as estruturas do acontecer do tempo percorrendo a temporalidade do existir, através da qual expõe a possibilidade de diferentes percursos criativos. A pergunta pela temporalidade do existir precisa nos temporalizar em seu conforme para ser elaborada. Perguntar pelo tempo já é um modo de temporalizar-se, em que se descortinam possibilidades de temporalidades próprias e impróprias que se desdobram no encontro e na perda de si mesmo. Perguntar pela origem do vigor da vida em nossa própria vida singular expõe o existir ao aberto: ao abandono à liberdade de vir a ser de um modo ou de outro, em concordância com o cuidado e o empenho próprios em acolher o outro em si. Em concordância com o próprio tempo o homem vem a ser si mesmo e/ou se afasta de si mesmo.

Ludwig Binswanger em “Grundformen und Erkenntnis menschlichen Daseins” - “Formas fundamentais e conhecimento da presença humana”, publicado em 1942, segue o percurso das estruturas da temporalidade apresentado por Heidegger e traduz a dinâmica da temporalidade própria da cura na temporalidade da convivência amorosa, fundadas no porvir, e a dinâmica da temporalidade imprópria da cura na temporalidade da ocupação, objetivada e contabilizada, afundada num passado que não passa e numa atualidade constante que não se renova.

Emmanuel Carneiro Leão analisa os compassos de pensamento entre Heidegger e Binswanger em 69 aulas ministradas nos anos de 1970¹ e aponta a possibilidade e a impossibilidade de se traduzir a compreensão da temporalidade sem perder o fenômeno. Para o prof. Carneiro Leão é imperativo que se deixe a interpretação e a análise abertas à própria presença ritmada pela coexistência, revelando o pensamento que nos convoca à presença, nos requisita ao convívio. E aponta para o risco de metodologias e sistemas psicológicos ou antropológicos:

A temporalidade da convivência amorosa está em oposição com a temporalidade de outras formas de convivência – relacionamento, utilização, ocupação – pois ela não decorre nem se origina das limitações da existência, de sua finalidade, como sendo minha, de minha individualidade. A temporalidade da convivência amorosa provém da necessidade do nós que transcende o eu e o tu.²

A proposta para se pensar a analítica existencial como “Daseinsanalyse”, compreendida como análise existencial terapêutica, parte de movimentos fundamentais do pensamento apresentado por Heidegger. A partir deles a tradição do pensamento ocidental é abandonada e o homem incluído na descoberta.

Fenomenologia hermenêutica

Hermes é para os gregos o mensageiro dos deuses e é ele mesmo um deus. Hermes é a própria mensagem que porta, carrega, traz e envia. A fenomenologia hermenêutica como método de investigação filosófica inclui o indivíduo singular humano no percurso de descoberta em sua própria presença desvelada – conhecer e vir a ser explodem em conjugação extraordinária. Heidegger deixa ressoar a sentença de Píndaro – “conhece-te a ti mesmo” no § 31 de “Ser e Tempo”.

Hermenêutica

Heidegger revela o pensamento filosófico como fenomenologia hermenêutica, que encontra sentido diretamente no próprio e livre percurso de compreensão, devolvendo à filosofia a possibilidade de uma análise existencial. Trata-se de um retorno ao modo de pensar circular dos pensadores gregos originários. Anaximandro, Heráclito e Parmênides refletiam acerca da circularidade na criação. “*Ser e pensar, o mesmo*”, declarou Parmênides em seu Poema.

¹ LEÃO, E.C. A temporalidade na convivência amorosa. Teresópolis: Editora Daimon. No prelo.

² Idem. Texto destacado da 6ª aula.

O pensamento de Heidegger é percurso ontológico, livre de determinações ônticas, que busca a compreensão de estruturas axiais do fenômeno da existência, fora do âmbito do estabelecimento de métodos e sistematizações. A revelação da vida na vida do homem engloba afeto e pensamento, intuição e compreensão na mesma saga em que o homem pode vir a ser si mesmo ou perder de si mesmo. A questão que se coloca refere-se à repercussão da descoberta de sentido. Acompanhar as estruturas ontológicas da vida na vida do homem pode revelar sentido direto para o existir de quem acompanha em seu pensar tal compreensão. “A interpretação fenomenológica deve oferecer para a própria presença a possibilidade de uma abertura originária e, ao mesmo tempo, da própria presença interpretar a si” (HEIDEGGER, 2006, p.199).

Píndaro

Píndaro é considerado o último dos poetas líricos. Poesia como musicalidade é remissão às Musas que são filhas de Zeus e da memória: Mnemosine. As Musas são a criatividade no pensamento. Pela mitologia grega as filhas de Mnemonise brotam de uma fonte que se encontra na planície do encobrimento, a Lethe, onde há o rio do esquecimento, o rio do descuido. Ámeles é rio que não corre, não flui e não canta.³

A associação entre a Música e a busca da compreensão de si como o que brota desde o desconhecido em si mesmo é dinâmica encontrada no pensamento grego que pode ser reconhecida através da poesia de Píndaro. A lira é o instrumento de Apolo. Os poetas líricos são especulativos, o que significa que investigam o próprio existir em seus poemas, por uma disposição poética e musical que encanta, envolve e encaminha pelo seu canto. O claro e o distinto vigem diante do obscuro e do incerto. Os deuses Apolo e Dioniso se opõem, mas não se contrapõem, se distinguem, mas não se separam como se pudessem excluir um ao outro. Igualdades e diferenças vigoram por uma mesma tensão de identidade.

O Pensamento filosófico é aquele que segue o questionamento acerca da origem do conhecimento, do princípio desde o qual o homem pode conhecer e desconhecer a realidade pela via do entendimento, para então, desde aí se realizar. Este modo de pensar questionando a origem é também possibilidade do pensar realizar-se de modo originário, como a possibilidade de encontrar sentido inaugural por sua própria via criativa. Tudo o que é e aparece sendo se dá através de ser pelo pensar e neste âmbito há uma coincidência entre o pensamento filosófico como fenomenologia hermenêutica e a poesia lírica de

³ PLATO. Republic. Londres: Loeb Classical Library, 2013. Livro X. (*Mito de Er*) 614b.

Píndaro. O pensamento que acompanha a realização do real remete para uma dinâmica em que o próprio acontecer do tempo revela a realização do existir da vida na vida de um homem, o existir compreendido como possibilidade de tornar-se o que se é porta a temporalidade originária do instante criativo. Esta temporalidade é encontrada na máxima que adornava o portal do templo de Apolo em Delfos no século VI a.C.: **γνωθι σεαυτόν** - Conhece-te a ti mesmo.

Píndaro apresenta outra versão para esta mesma sentença na “Segunda Ode Pítica”. Em qualquer de suas versões conhecidas, a sentença revela temporalidade circular, extraordinária e virtuosa: “Vem a ser o que tu és aprendendo com a vida” (Pindare, 1990, II Ode Pítica, v. 72).

A palavra usada por Píndaro na “Segunda Ode Pítica” pode ser traduzida para o português por conjugação do verbo conhecer. “Mantano” é o verbo grego que diz aprender e ensinar. A palavra “Mantano” guarda em sua compreensão como conhecimento não o que se apreende e se representa apenas intelectual e racionalmente, podendo até mesmo ser passível de acúmulo, estoque e manipulação. Conhecer é compreendido não no sentido de processar saberes, mas no sentido que ressalta sua relação de coincidência com o surgimento das próprias descobertas e escolhas. O conhecimento em seu dar-se simultâneo à geração do que se deixa levar a si, sendo propriamente o que eleva a si.

Esse sentido é também explicitado pela palavra que aparece à frente da sentença gravada no Portal do Templo de Apolo em Delfos – **GNWTI**, que ressalta a comunhão entre conhecer gerar. Conhecer como nascer-com. A sentença conclama que se venha a nascer e surgir conforme se compreenda o que se é, dando à compreensão de ser e existir caráter originário.

Ser e conhecer combinam-se na e pela apreensão de ser pelo pensar – o conhecer o que se é, aparece como conclamação de ser, em que o conhecer e o vir a ser se imbricam em tornar-se o que se é – o nada de ser e não-ser - impulsiona o aparecer, o permanecer, e o perecer em circularidade extraordinária e criativa.

O saber acerca de ser (nada) e o ser acerca de saber (do nada) é o que possibilita e provoca o tornar-se próprio. O saber de ser a partir do nada é o saber da necessidade de precisar tornar-se, de precisar agir para vir a ser, diretamente como o apropriar-se de ser por conta própria ao acolher em si o obscuro mistério desconhecido. O compreender que nos apreende em seu percurso de sentido é a abertura ao desconhecido de nós mesmos em nós mesmos, por sermos desde sempre favorecidos por outro de nós mesmos... No parágrafo 31 de “Ser e Tempo”, Heidegger explicita que “em todo compreender de mundo

a existência também está compreendida e vice-versa” (2006, p. 213). O Compreender originário que somos não se refere ao acúmulo de algo, nem de percepção sensível ou inteligível, ou mesmo de um conhecimento que se possa alcançar e deter, possuir e armazenar. O compreender originário significa o apreender-se-com e em seu próprio processo de elaboração e dinâmica circular – o “círculo ontológico” em que se revela a presença como o ente que está em jogo em seu próprio existir (2006, p. 215).

Esse círculo do compreender não é um cerco em que se movimenta qualquer tipo de conhecimento. Ele exprime a estrutura-prévia existencial, própria da presença... compreender é o poder ser da própria presença (HEIDEGGER, 2006, § 32, pp. 214,215).

Presença – *Dasein*

A superação do entendimento da essência humana a partir da dicotomia animal-racional para o evidenciar-se do “Dasein” como abertura originária desde a qual o homem vem a ser por compreensão de ser pelo pensar porta o alcance de promover uma alteração em quem que a compreende.

O § 10 de “Ser e Tempo” (HEIDEGGER, 2006) é emblemático ao explicitar sua diferença com a tradição do pensamento ocidental que há milênios reduz o humano em dicotomias. Pela tradição do pensamento ocidental o homem vem sendo interpretado como animal-racional. Assim, por essa ideia, sobre um corpo de animal se acopla algo mais, que seria a razão como a possibilidade da linguagem, resultando, pela mistura, no que então supostamente seria a essência do homem, seu vigor de ser. Por essa dicotomia chamada metafísica é construído todo um modo de pensar, que separa sensível e inteligível, corpo e alma em hierarquias por subordinação, que sobrepõe um polo sobre o outro, como num jogo em que se retém os passes.

Heidegger pensa a integração originária entre sensível e inteligível desde o abrir-se da presença do homem de modo inseparável. Esta integração originária irrompe na fala, em que o homem deixa-se ecoar pelo sentido que o compreende. A integração corpo e alma no apalavrar de sentido de si mesmo é o fenômeno em que o homem existe exposto a vir a ser uma singularidade única. “O ente que temos a tarefa de analisar somos nós mesmos.” (HEIDEGGER, 2006, p. 85)

Para cada homem é preciso encontrar um nome, afirma o filósofo Pascal David em entrevista ao periódico “Le Poullailler”⁴ em 7 de maio de 2015. O desafio é encontrar para cada morto nos massacres, um nome: “seis milhões de mortos são seis milhões de vezes uma pessoa”. Nesta altura, as estatísticas se tornam desnecessárias para a compreensão do que não se submete ao quantitativo nem ao qualitativo e rumo para o que é de cada um, o singular em sua força múltipla. O desafio parece ser acolher o fenômeno humano como o aberto a cada vez único.

Em concordância e aproximação a este mesmo modo de pensar, que busca compreender o homem pelo seu próprio existir como acontecer único, Heidegger (1978) Cita Duns Escoto na defesa de sua tese de doutorado em julho de 1915 na Universidade de Freiburg:

Certamente com o *unum* e o *multum* é dada a multiplicidade. Duns Scoto, no entanto, faz notar esta compreensão com a expressão: *non omnis multitudo causat numerum simpliciter*. O uno enquanto determinação originária do objeto encontra-se antes e depois do limite e do ilimitado. A ideia de medida e de determinação quantitativa são posteriores (p. 55).

Esta proposta desloca a compreensão do humano de animal racional para “Dasein” – presença! O que significa, que, o que quer que seja o homem, o é a partir da abertura originária a ser e não ser em sua própria presença criativa e/ou destrutiva. Outro princípio para a História do existir se anuncia através desta passagem, desta virada de pensamento a partir da compreensão da essência humana, de animal racional para presença. A superação de toda a tradição do pensamento metafísico ocidental está em questão diante da revelação do vigor de ser do humano no homem como presença.

A presença - *Dasein* não tem gênero ou sexo por ser a antecipação do aberto, em que sensível e inteligível irrompem já combinados desde a compreensão de seu abrir-se, como possibilidade para possibilidade. A junção constitutiva de sensível e inteligível, resgata a compreensão de ser do homem no percurso de descoberta de si mesmo, incluindo intuições, sensações, emoções e sentimentos. O alcançado pelo pensamento que segue o percurso da compreensão inteligível pela fenomenologia hermenêutica promove o apalavrar de sentido de ser pela inclusão de razão e sensibilidade reciprocamente constitutivas uma da outra.

⁴ DAVID, P. Essai sur Heidegger et le Judaïsme – Le non et le nombre. Paris: Les Editions du Cerf, 2015. Cf. entrevista Pascal David - *Le Poullailler* - <http://le-poullailler.fr/2015/05/entretien-avec-pascal-david-sur-heidegger-entre-autres/>.

A deusa da memória Mnemosine e suas filhas musas brotam do desconhecido, o que significa que têm sua origem inalcançável e indominável. Mnemosine e as musas como a memória e os impulsos criativos portam a ideia do que sobrevém à presença e também do que propriamente conduz a presença ao seu aparecer, desde o que se retrai como ausência. A memória como ausência que nos traz à presença, é viva. A presença tem a mesma espessura das ausências que a compõem, como um nada que transporta e conduz pelo seu vão aberto. Presença e ausência se combinam pelo mesmo vão livre e abissal, entre brotar e ocultar. Presença e ausência se compreendem não como jogo de contrários que se revezam, mas como a mesma dinâmica de des-velamento da verdade de existir: surgir, vigorar e sumir em circularidade extraordinária e criativa: “O surgimento já tende ao encobrimento” (HERÁCLITO, 1999, fragmento 123 DK).

Duns Escoto

No século XIII d.C. aconteceu na Universidade de Paris um significativo embate de pensamento em que o frade franciscano João Duns Escoto se levantou contra a interpretação do sagrado pela lógica e recusou a aplicação dos primordiais princípios de Aristóteles para o percurso de revelação de sentido pelo pensamento da fé. Santo Tomás de Aquino, catedrático daquela Universidade, foi então acusado de “averroísmo”, denominação que naquela época representava a defesa da lógica aristotélica em oposição aos mistérios da dinâmica do pensamento da fé.

O bem-aventurado Duns Escoto formulou a questão sobre o alcance do conhecimento humano perguntando se a verdade poderia ser conhecida pelo intelecto sem ser iluminada por luz de outro. Duns Escoto aponta assim para o percurso das estruturas ontológicas que nomeia como “razão eterna” e luz incriada”, que então são diferenciadas do plano das realizações praticas, dos objetos, dos fatos que podem ser conhecidos pelo intelecto.

(Questão) 202. Finalmente, a respeito do que se pode conhecer, questiono se alguma verdade certa e integral pode ser naturalmente conhecida pelo intelecto humano nesta vida sem uma iluminação especial da luz incriada (SCOTUS, 1979. p. 245).

João Duns Escoto defendeu a compreensão de que a graça misteriosa por divina precede originariamente à Physis e à Phyché. Por esse pensar, corpo e alma, sensível e inteligível surgem desde uma mesma dinâmica de co-pertencimento que os antecede. A primordialidade da graça explicitada em defesa de “Imaculada Conceição” devolve a transcendência à compreensão do humano. O divino alcança antes e depois do humano,

“Imaculada Conceição” é livre desde anterioridade extraordinária que a revela e a deixa vir a ser a partir de sua própria pre-sença, em mim mesmo desvelada. Por esta compreensão, a cisão corpo e alma é tardia no acontecer da vida na vida do homem, assim, Deus atua desde uma anterioridade capaz de livrar o homem. Por esta compreensão corpo e alma irrompem cada vez na e pela presença de um homem, cada vez único. A compreensão da combinação entre singularidade e totalidade em si mesmo como o poder ser único é o mistério divino nos homens: finitos na infinitude de ser.

Tudo que está à mão já se compreende a partir da totalidade conjuntural. Esta, no entanto, não precisa ser apreendida explicitamente numa interpretação temática. Mesmo quando percorrida por uma interpretação, ela se recolhe novamente numa compreensão implícita. A interpretação de algo como algo funda-se, essencialmente, numa posição prévia, visão prévia e concepção prévia. (HEIDEGGER, 2006, §32, p. 211).

Não há, para Duns Escoto, a necessidade de se excluir uma via de pensamento contra a outra, filosofia e fé seguem diferentes percursos de pensamento para o encontro de sentido e não necessariamente se contrapõem. Em qualquer composição sensível e inteligível o homem se integra e vem a ser de um modo ou de outro, sempre cada vez único. A filosofia que segue a lógica, e, o pensamento da fé, se diferenciam sem perda de alcance para as suas realizações. O que se toca pela fé é vigorosamente diverso do que se elabora pelas vias do conceito e da ciência. A perda acontece quando a teo-logia se arvora em adotar a lógica para comprovar o sagrado sob a égide da ciência, o que reduz o transcendente ao imanente, e a diferença entre Deus e homem fica esquecida provocando o pensamento a se afastar da compreensão do único, e a se dispor ao afã de domínio e controle em busca de assegurar o já institucionalizado pelo passado.

Os frades contestadores de Santo Tomás de Aquino na Universidade de Paris recusavam a adoção de três princípios da lógica de Aristóteles, buscando deixar livre o pensamento da fé, como possibilidade de acesso ao sentido de existir por sua própria via. Os princípios aristotélicos como o “princípio de não contradição”, o “princípio do terceiro excluído” e o “princípio de identidade por igualdade”, fundamentais para o edifício lógico que sustenta a ciência, são acuradamente deixados de lado para o encontro de sentido diretamente pelo pensamento da fé, que acolhe o desconhecido e o obscuro em sua compreensão do mistério de existir.

Em respeito ao “princípio de não contradição” (PNC) o homem perde a evidência de ser e não ser ele mesmo a própria realização do real na realidade, finito na infinitude de ser.

Em respeito ao “princípio do terceiro excluído” afirma-se a dicotomia criador criatura, em que a criação se dá de fora para dentro, como um dedo de Deus ou um primeiro motor. Em qualquer dos casos já se perdeu a dinâmica circular e extraordinária do acontecer. (Pela sistematização da lógica aristotélica perde-se até mesmo o alcance do próprio pensamento de Aristóteles, que no Livro VI da *Ética a Nicomaco*, explicita a circularidade extraordinária ao descrever a noção de hábito pelo que surge das ações praticadas enquanto as ações praticadas são escolhidas justamente pelo hábito).

Em respeito ao “princípio de identidade” pela exclusão das diferenças, rompe-se com a necessidade de inclusão do outro na descoberta de si, afastando o homem do vigor primordial de sua essência em vir a ser.

O que aqui se procura destacar é a extraordinária integração entre sensível e inteligível alcançada por essa via de pensamento, o que já significa o abandono da interpretação metafísica dicotômica do homem como animal-racional. Assim, superando o animal-racional por ultrapassagem, o homem é remetido para outro âmbito de compreensão, em que se revela o parentesco do humano com o extraordinário desde sua essência primordial desconhecida.

No século XIX, época de apogeu do método lógico científico, os seguidores do pensamento de Tomás de Aquino ganham renovada força pelas mãos do Papa Leão XIII, que em 1880 estabeleceu o catecismo católico em bases tomistas. O desafio para os que se justificam pelo pensamento da fé é compreender a composição de diferentes pensadores como Santo Tomás e Duns Escoto por uma mesma identidade que os excede e os consagra.

Só no século XX com a hermenêutica fenomenológica a filosofia dá o mesmo passo alcançado pelo pensamento da fé no século XIII, ao superar o dualismo metafísico, pela compreensão do homem como “Dasein” e não mais pela dicotomia animal-racional. Martin Heidegger defendeu sua tese de doutorado com uma síntese histórico filosófica sobre como a tradição escolástica interpretou Aristóteles, e se aproximou do pensamento de Duns Escoto desde onde encontrou a provocação para se pensar o humano nos homens a partir da presença. A compreensão de “Dasein” como a abertura em que o homem vem à presença em seu próprio abrir-se é a grande virada, em que corpo e alma, sensível e inteligível, matéria e espírito, intuição e inteligência se desvelam simultaneamente no apalpar de sentido do singular humano, cada um cada vez precisando encontrar para si um nome, cada vez único.

A Obra de Arte

Outra experiência de pensamento, em que o sentido do real se revela diretamente, se dá pelo acontecimento da obra de arte. Através da arte revela-se sentido do todo do existir diretamente, por sua própria via de aparecer. O percurso de aparecimento da obra de arte não segue a elaboração de nenhuma lógica para o dar-se de seu sentido. A arte é a extraordinária revelação de sentido diretamente, sem intermediação de explicação racional ou necessidade de exacerbação sensível. O que ocorre no acontecer da obra de arte é uma plena superação da dicotomia sensível e inteligível, que pela obra de arte nunca se separam, pois já se integram desde seu aparecer concomitante à própria explosão de sentido que os revela.

Por estas duas vias paralelas ao pensamento lógico da tradição, a arte e a fé, o homem encontra a si mesmo como um todo, inserido desde sempre no próprio fenômeno do existir da vida na vida humana como o que só pode ser cada vez único, em que se desvela a presença como o originário. Pois é justamente esta unicidade encontrada através dos pensamentos da fé e da arte, que se perde no pensamento da tradição lógica da filosofia, e principalmente a teológica, como afirma Heidegger no seminário “A constituição onto-teológica da metafísica” em 1957. Por maior que seja sua eficácia para a investigação e para o desenvolvimento científico e tecnológico, a interpretação dicotômica-lógico-metafísica cinde o homem e o afasta da possibilidade de vir a ser si mesmo.

Mas, o pensamento vige mesmo diante do esquecimento, brota do encoberto e do desconhecido, tal qual as Musas, que como a criatividade são filhas da memória. A dinâmica do pensamento ultrapassa os pensadores e as épocas históricas. O pensar que volta-se sobre si e questiona sua própria origem, encontra sempre o nada antes e diante de si em qualquer tempo e lugar. Mesmo que a disposição de uma época se imponha como sistema, o homem pode sempre pensar por conta própria e do nada negativo encontrado a partir de si mesmo, pode deixar-se abrir ao nada criativo em si mesmo.

Por maior que seja o grau alcançado pela sistematização lógica do pensamento, sempre podem surgir pensadores livres, que não seguem a corrente dominante de sua época, como Sören Kierkegaard, que viveu e publicou sua obra na primeira metade do século XIX e compreendeu o homem extraordinariamente como “possibilidade para possibilidade”. Friedrich Nietzsche também ultrapassa o século XIX em que viveu, é póstumo ao apontar o acabamento do pensamento ocidental e de antecipar a chegada do super-homem, pela sua própria presença, como vontade de poder.

A filósofa Márcia Sá Cavalcante Schuback pergunta pelo alcance da liberdade criativa do pensamento no artigo “Criar é imaginar”, publicado em 2008 pela “Revista de

Filosofia e Mística Medieval - Scintilla”, em que articula uma aproximação entre ideias estéticas de Kant e a ontologia de Heidegger por “uma crítica hermenêutica dos sentidos de existência e imagem”, e compreende hermenêutica como o pensar que questiona sua própria origem em busca do originário, o pensamento que se volta para o “próprio princípio de vida” para principiar, como o olhar que mira o sublime e se expande por criatividade própria – o pensar a origem de si mesmo se encaminha em vir a o que se é pelo pensar, como o mesmo e o próprio gesto de acontecer originário de si mesmo.

A experiência do sublime, do Magnum incomparável, do princípio de vida, da imensidão inimaginável enquanto abalo abyssal pode ser interpretada como a descrição kantiana do nascimento do gesto hermenêutico no pensamento filosófico. É neste gesto, aqui chamado de hermenêutica imaginativa, que pensamento e arte se encontram na criação. (SCHUBAK, 2008, p. 88; 91).

Hermenêutica é destacada como abertura para se pensar arte e filosofia além de dicotomias que separam, ao apontar para o interpretar como o modo de se pensar o princípio que inclui principiar. Pela hermenêutica a criatividade do pensamento irrompe da própria presença diante de seu existir.

Neste pensar como fazem os poetas, desperta-se em nós a possibilidade de compreender o pensar-além, o transpensar da sublime imaginação como um pensar para além de diferenças dadas, para além de dicotomias e oposições, descobrindo o oceano como espelho do aberto do céu tornando-se abismo do mar e do abismo tornando-se um aberto. (SCHUBAK, 2008, p. 90).

Sigmund Freud

Sigmund Freud é também um homem do século XIX, do apogeu do método científico, era médico neurologista quando pode entrever que males físicos e biológicos encontrados em partes do corpo podiam e precisavam ser tratados não apenas no corpo sensível, mas, também, por percurso inteligível. A psicanálise inaugurada por Freud no século XIX é um modo de investigação da mente humana, que tem imensos desdobramentos e múltiplas influências no pensamento desde então, e que pode ser compreendida como a busca pelo sentido de existir, através da superação do dualismo sensível e inteligível.

Se agora nos dedicarmos a considerar a vida mental de um ponto de vista biológico, um ‘instinto’ nos aparecerá como sendo um conceito situado na fronteira entre a mente e o corpo, como o representante psíquico dos estímulos que se originam dentro do organismo e alcançam a mente, como uma medida da exigência feita à mente no sentido de trabalhar em consequência de sua ligação com o corpo (FREUD, 1976, vol. XIV, p. 142).

A necessidade de encontrar sentido para si e por si diante do outro, a urgência de encontrar sentido para o existir diante do desamparo de nunca estar pronto e acabado, e sim de precisar sempre agir para vir a ser renovadamente diante do porvir, move o homem. O desamparo (*Hilflosigkeit*) diante de existência sem garantias ou escoras frente ao abismo incontrolável e incerto do amanhã, expõe o homem à angústia de existir por conta própria, expõe o homem ao medo da morte e ao medo da vida que tantas vezes travam o viver. O medo busca paralisar o livre devir e a angústia impulsiona ao aberto por-vir. O homem precisa encontrar sentido para viver e o pode encontrar pela fala que se alcança desde a escuta do outro em si.

Marcel Proust

O romance “Em busca do tempo perdido” de Marcel Proust foi publicado em 7 volumes ao longo de 14 anos, de “O caminho de Swann” publicado em 1913, a obra segue até culminar com a publicação do último volume “O tempo redescoberto” em 1927. O percurso narrado por Proust revela a origem da temporalidade própria ao existir na criatividade humana. Proust finaliza sua obra revelando uma inversão na ordem simplesmente cronológica do tempo ao encontrar no porvir a determinação primordial e originária, o que se dá pela descoberta da criatividade como origem do tempo.

A temporalidade da existência revelada por Martin Heidegger em “Ser e Tempo”, também publicado em 1927, ao seu modo, segue a mesma direção que encontra no porvir a possibilidade do instante de abertura ao passado e ao presente, cada um em seu próprio vigor de presença. O que significa que é a partir do porvir que se abrem passado e presente em sentido próprios. A estrutura temporal da cura apresentada por Heidegger revela a possibilidade de existir em sentido próprio. O sentido próprio está sempre por-vir, o sentido de existir encontra-se todo tempo em aberto e precisa ser conquistado por cada homem cada vez em sua própria presença exposta a vir a ser e não ser. O homem precisa atravessar o desamparo da angústia por se encontrar sem garantias, para só então encontrar a si mesmo como desafio renovadamente remetido ao porvir.

A obra de Proust acontece no cenário da passagem do século XIX para o XX, em que a ciência se transforma em tecnologia e se acirra a separação sensível inteligível, em direção à objetivação do cálculo. A investigação da alma humana segue o mesmo percurso científico, tanto pela psicologia quanto pela antropologia, e se volta para as vivências sensíveis e inteligíveis, promovendo um circo em que o homem é posto a girar em rodas de vários tipos à procura de si. Proust descreve sua busca pelo vigor de existir

através do que se perde pela dedicação às reminiscências do passado e aos trâmites do presente. A busca de reencontro através de lembranças e recordações, atravessam a obra sem nunca chegar. A procura do vigor do existir descrita na obra de Proust através das vivências cotidianas, revelam os personagens dedicados à atualização de requintadas práticas tanto de prazer como de dor, pela elaboração de sensações, emoções e afetos sem nunca encontrar o bastante.

Proust em seu romance apresenta o modo de pensar e existir que revela o mundo que o justifica, mas que também é capaz de o ultrapassar. A disposição de pensamento de uma época histórica só pode ser superada pela descoberta da temporalidade própria do existir. O personagem central do romance acaba se confundindo com as transformações de sua época. Há também vários coadjuvantes que não se separaram do curso da história que se desenrola, há os que morrem na Grande Guerra enquanto a obra segue sendo escrita e publicada, há também o velho que se transforma e se renova por jovialidade surpreendente, dinâmica revelada através de personagens capazes de contrariar toda a noção cientista-lógico-darwinista de sua época. No fim, o protagonista ao acolher as tensões e transformações como quem sofre a História de ser como avalanche que lhe sobrevém, culmina paradoxalmente, descobrindo a gênese do acontecer, o vigor originário da História em seu próprio existir, não mais através de vivências sensíveis ou inteligíveis, mas diretamente em sua própria presença criativa, que então desvela o porvir como tempo re-descoberto.

Procurava as grandes leis, e tachavam-me de rebuscador de pormenores. Para que, aliás, o fazia? Jovem, denotara alguns dons, e Bergotte achara “perfeita” as minhas composições de colegial, mas, em vez de aplicar-me, vivera na indolência, na dissipação dos prazeres, na doença, nos tratamentos, nas manias, e, na véspera de morrer, sem nada conhecer do ofício, empreendia minha obra. (PROUST, 1990, p.286).

Proust revela o homem como quem pode brotar de si mesmo por criatividade encontrada a partir de sua própria presença, quando reconhece em sua condição finita que não domina o curso da história, não decide pelo seu desenrolar, apenas, acolhe o que lhe sobrevém de modo próprio ou impróprio, e que, pode sim a partir deste “lugar-extraordinário” realizar o imenso, o único.

Há uma inversão na percepção da ordem temporal do princípio da criatividade para o leitor, pois o romance que o leitor recebe só pôde ser escrito após a descoberta feita pelo personagem principal no último volume. A obra segue em sua narração percurso cronológico,

é perpassada na descrição de cada etapa por imensa criatividade, em que tudo pode ser perdoado diante da necessidade de criar sentido próprio para o existir, sempre por-vir.

As obras, literária de Marcel Proust e filosófica de Martin Heidegger, contrariam a corrente dominante de sua época histórica e apontam para a junção originária de intuição e raciocínio no acontecer da presença do homem na criação da História de seu próprio existir. O que lança a questão acerca da existência humana em outro âmbito e possibilidade de encontro a partir da presença de cada indivíduo singular.

Daseinsanalyse

A separação corpo e alma, matéria e espírito, animalidade e racionalidade na compreensão do homem segue seu desvio mesmo diante do aparecimento de obras reveladoras de outro sentido. O embate dicotômico sensível inteligível nunca esteve tão em voga como agora no século XXI em que psicotrópicos e drogas de vários tipos portam a pretensão de pela via do estímulo físico-químico equilibrar o corpo sem recorrer à palavra. Por esta via, fica esquecida a primeira necessidade humana; de ser livre para apalavrar sentido para si mesmo diante do outro. É através da palavra encontrada em sua própria fala que o homem vem a ser, é através da linguagem que o singular humano apalavra sentido com o real e encontra para si um nome. Para cada homem é preciso encontrar um nome.

Por mais maravilhosos que sejam os efeitos dos medicamentos e das drogas psicodélicas ou psicotrópicas, que alteram funções cerebrais para atingir a mente, a necessidade de pensar e compreender a si pelo apalavrar de sentido com o outro de si é o originário que não se perde. O corpo humano é resultado do sentido encontrado e não o contrário. O corpo do homem sequer pode ser comparado ao corpo de um animal, pois é sentido e significado abertos em primeira e primordial instância: corpo é linguagem.

O homem não é apenas um ser vivo, que, entre outras faculdades, possui também a linguagem. Muito mais do que isso. A linguagem é a casa do Ser. Nela morando, o homem ec-siste na medida em que pertence à Verdade do Ser, protegendo-a e guardando-a. Destarte, na determinação da humanidade do homem, como ec-sistência, o que importa é que não é o homem o Essencial mas o Ser, como dimensão do ec-stático da ec-sistência (HEIDEGGER, 1995, p. 55).

Seguir o percurso das estruturas ontológicas do acontecer do existir da vida na vida de um homem transforma o olhar que vê pelo visto, que então se volta para a descoberta de si mesmo. Nós nos relacionamos com nosso próprio existir, somos e estamos entregues à responsabilidade de assumir nosso próprio existir como o que está sempre em jogo aberto. A compreensão da existência no sentido proposto por Heidegger

significa o aberto da vida na vida dos homens por conta e risco de cada um. A essência humana entendida como o vigor de Ser do homem encontra-se em seu próprio existir aberto pelo que ele mesmo não decide. O existir finito, sempre aberto a vir a ser e não ser, encontra-se exposto em devir, em que o homem pode tornar-se autêntico e inautêntico. A analítica existencial apresentada em “Ser e Tempo” tem pertinência para todas as práticas e exercícios de cuidado, médicas, psicológicas ou psicanalíticas que levam em consideração a composição sensível e inteligível em seu âmbito.

A publicação “Les Carnets del’Espace Ethique de Bretagne Occidentale” apresentou em sua terceira publicação a questão da ética na saúde através de uma antologia acerca da compreensão da pesquisa médica e do sentido de ser humano na atualidade de uma sociedade “hiper-medicalizada”. A publicação foi dirigida pelo médico e especialista em medicina interna Jean-Michel Boles e pelo filósofo Pascal David, que coloca a pergunta se o avanço científico tecnológico na medicina e na pesquisa médica ameaçam o cuidado com o paciente. Diagnósticos e predicados parecem objetivar o corpo do homem, que é tomado como material de pesquisa, tanto quanto como mercadoria, de qualquer modo, o corpo do homem aparece como conjunto de peças cambiáveis, transplantáveis e recicláveis. Por esta atitude fica esquecida a presença viva do indivíduo singular humano em seu aparecer único, como origem e destino de todo o acontecer da História de Ser. O perigo, analisa Pascal David, é a realização por esta via de um atentado que reduz o homem à perspectiva ôntica. A destruição do humano nos homens surge com a ideia de que o homem pode se autoproduzir através de manipulações laboratoriais.

Na conclusão de seu texto de abertura, Pascal David cita a correspondência entre Martin Heidegger e Hanna Arendt ao destacar o alcance finito do homem em tudo que compreende e não compreende acerca de si mesmo. O acolhimento dos limites da própria finitude aparece como alcance extraordinário: o alcance finito confere ao homem o poder infinito de sempre de novo outra vez questionar a si mesmo acerca dos rumos de seu existir, e renovadamente encontrar para si um nome. “Quantos infernos o homem terá ainda que atravessar antes de aprender que ele não é susceptível de produzir a si mesmo”. (HEIDEGGER, 1991)⁵.

Françoise Dastur e Philippe Cabestan, filósofos franceses que ocupam a presidência de uma associação que carrega o propósito de se pensar a “Daseinsanalyse” (“École Française de Daseinsanalyse”), destacam palavras de Heidegger do “Seminário de

⁵ “quels enfers devra-t-il encore traverser avant d’apprendre qu’il n’est pas susceptible de se faire lui-même?”.

Zurich”, para defender a provocação transformadora que o pensamento da analítica existencial revela: superação da compreensão do homem como animal-racional para a compreensão de *Dasein* inaugura a abertura de outro princípio (*Andere Anfang*) para a História de Ser, princípio que inclui a presença do singular humano no acontecer da verdade de existir em que o homem surge cada vez único.

Há, uma relação de *Fundação* entre a *Daseinsanalyse* ontológica de “Ser e Tempo” e a *Daseinsanalyse* médica. O importante aqui é que “os fenômenos que fundam cada vez sua aparição nas relações entre analisando e analista são trazidos à palavra por si mesmos em seu conteúdo fenomenológico, o que implica que seja levado em conta que sempre se referem a um paciente em particular”, ao invés de os reconduzir a um existencial universal. (CABESTAN; DASTUR, 2011, pp 48-49)⁶.

“Daseinsanalyse” compreendida como processo e percurso de análise existencial torna-se até mesmo urgente ao ser associada à necessidade primordial do homem de ser livre para cada vez poder retomar a palavra em busca de si mesmo. Essa análise precisa acontecer como convite para se auscultar ao outro em si. Mas, não há um método ou sistema que a traduza, pois, para acontecer precisa referir-se diretamente ao existir aberto a ser e tempo em seu mesmo dar-se. O homem pode deixar-se articular pelo cuidado e pela busca de compreensão do vigor de existir de si mesmo, o cuidado em vir a ser si mesmo diante do outro. Daseinsanalyse como meditação acerca do desconhecido em nós, acontece como convite ao convívio com o outro. “Não a mim, mas auscultar ao logos é deixar-se favorecer pelo sabor do que pode ser único” (Heráclito, 1999. Fragmento 50 DK).

⁶ CABESTAN Ph; DASTUR, F. Daseinsanalyse. Paris: Vrin, 2011, pp. 48,49: Il y a donc bien un rapport de *Fundation* entre la *Daseinsanalyse* ontologique de *Etre et temps* et la *Daseinsanalyse* médicale. Ce qui import ici, c’est que “le phénomène qui font à chaque foi leur apparition dans la relations de l’analysant et de l’alalyse soient portés à la parole à partir d’eux-même dans leur teneur phénoménologique, ce qui implique qu’y soit tenu compte du fait qu’ils renvoient toujours à tel ou tel patient concret” plutôt que “de les reconduire globalement à un existencial.

Referências

ANAXIMANDRO. HERÁCLITO. PARMÊNIDES. Os pensadores originários. Petrópolis: Vozes. 1999.

BINSWANGER, Ludwig. Analyse existentielle et psychanalyse freudienne. Paris: Gallimard. 1981.

_____. Événement et vécu. In: Philosophie número 121. Paris: Les éditions de minuit.

_____. Grundformen und Erkenntnis menschlichen Daseins. Zurique: 1953.

_____. Sonho e existência. Escritos sobre Fenomenologia e Psicanálise. Rio de Janeiro: Viaverita. 2013.

_____. Trois formes manquées de la Présence humaine. Argenteuil: Cercle. 2002.

BOLES, J-M.; DAVID, P. Les Carnets del'Espace Ethique de Bretagne Occidentale, La finalité de la recherche médicale: vers um arraisonement de l'être humanin? Montpellier: Sauramps Medical. 2010.

CABESTAN Philippe; DASTUR, Françoise. Daseinsanalyse. Paris: Vrin, 2011.

DAVID, P. Essai sur Heidegger et le Judaïsme – Le non et le nombre. Paris: Les Editions du Cerf, 2015.

FREUD, Sigmund. "O instinto e suas viscissitudes". Em Obras Psicológicas Completas. Rio de Janeiro: Imago Editora. Volume XIV da Edição Standard Brasileira, 1976.

GADAMER, Hans-Georg. O Mistério da Saúde. O Cuidado da Saúde e a Arte da Medicina. Lisboa: Edições 70. 2009.

HEIDEGGER, Martin. Caminhos de Floresta. Tradução Irene Borges Duarte et al. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian. 2002.

_____. Die Kategorien und Bedeutungslhre des Duns Scotus. Frankfurt am Main: Vittorio Klostermann. GA 1, 1978.

_____. Holzwege. Frankfurt am Main: Vittorio Klostermann. Band 5, 1994.

HEIDEGGER, Martin. Arendt, H. Letters et autre documents 1925 – 1975. Paris: Gallimard, 1991.

_____. Os conceitos fundamentais da metafísica: mundo, finitude, solidão. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2003.

_____. Seminários de Zollikon. Petrópolis: Vozes. 2001.

_____. Ser e Tempo (Parte II). Petrópolis, RJ: Vozes, 1990.

_____. Ser e Tempo (Parte I). Petrópolis, RJ: Vozes, 1989.

HEIDEGGER, Martin. Ser e Tempo. Petrópolis: Vozes. 2006.

HEIDEGGER, Martin. Sobre o Humanismo. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1995.

HERÁCLITO. Fragmento 50 DK. Biblioteca Augustana: <http://www.hs-augsburg.de/~harsch/augustana.html>.

HERÁCLITO. Pensadores Originários. Fragmento 123, DK. Tradução Emmanuel Carneiro Leão. Petrópolis: Vozes 1999.

KIERKEGAARD, Søren Aaybe. O desespero humano. São Paulo: Editora Unesp. 2010.

LEÃO Emmanuel Carneiro. Aprendendo a Pensar I. Teresópolis: Daimon Editora. 2008.

NIETZSCHE, Friedrich. Segunda Consideração Intempestiva. Rio de Janeiro: Relume Dumará. 2003.

PINDARE. Ouvre Complètes. Paris: Éditions de la Différence. 1990.

PLATO. Republic. Londres: Loeb Classical Library, 2013.

PROUST, Marcel. “O tempo redescoberto”. Em: Em busca do tempo perdido. Tradução Lúcia Miguel Pereira. São Paulo: Editora Globo. 1990.

SCHUBACK, Márcia. Para ler os medievais - Ensaio de hermenêutica imaginativa. Petrópolis: Editora Vozes, 2000.

SCHUBACK, Márcia. Criar é imaginar. In: Scintilla Revista de Filosofia e Mística Medieval. Curitiba: Instituto São Boaventura. 2008, Vol. 5, n. 1.

SCOTUS, John. Duns. Sobre o conhecimento humano. In: Os Pensadores. São Paulo: Abril Cultural. 1979.

Recebido em: 19 de julho de 2018

Aceito em: 10 de dezembro de 2018